

A PATRIMONIALIZAÇÃO EM PELOTAS: UM DUPLO OLHAR ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL

YURI ZIVAGO YUNG GRILLO; CLÁUDIO BAPTISTA CARLE².

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – yurziyun@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – cbcarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta as investigações que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, área de concentração em Arqueologia (Mestrado). Em linhas gerais, temos como objetivo investigar a relação entre a memória e o esquecimento nas políticas públicas de patrimonialização dos espaços de referência histórica e cultural e do imaginário popular, com ênfase na cultura material. De forma particular, pretende-se realizar esta investigação a partir do método dialético comparativo, onde de um lado analisaremos o que é considerado como digno de memória pela ação do IPHAN e outros aparelhos públicos de conservação e, por outro, o que é deixado no esquecimento por estes mesmos aparelhos. A partir disto, pretende-se elaborar uma síntese crítica, onde se investiga a continuidade em meio as tradições populares daquilo que é deliberadamente esquecido pelas políticas patrimoniais, da mesma forma que questionamos o processo de patrimonialização desenvolvido longe dos interesses populares e sem sua participação.

Para esta investigação, escolhemos a cidade de Pelotas devido à sua singular história de relações entre a elite burguesa e aristocrática com os escravos e, posteriormente, trabalhadores assalariados. Em termos de tempo, nossa pesquisa tem como foco o século XIX, considerado o “Século da História” (RIEGL, p. 44, 2014) devido à valorização do passado manifestada na monumentalidade, estendendo-se o século oitocentista até 1914 como discutido por Hobsbawm (1988). A escolha deste período foi feita por ser este considerado de maior expressão artística nos processos de conservação e patrimonialização, o que é atribuído, em grande parte, à influência de artistas plásticos europeus de formação neoclássica que trabalharam em Pelotas neste período (LONER, et all. p.15, 2017), e que influenciaram gerações de artistas pelotenses até o início do século XX (LONER, et all. p.16, 2017).

Por outro lado, este período de destaque está inextricavelmente unido a atualidade, estando presente no dia-a-dia dos cidadãos pelotenses, através dos casarões, praças e parques, museus e monumentos, representando majoritariamente o patrimônio aristocrático, ao mesmo tempo que também está presente através das tradições populares, fábricas, bairros, clubes, e logradouros com singular importância histórica, representando também os espaços de luta, reivindicação e identidade popular. Desta forma, embora o foco seja no que permanece deste período, entendemos esta pesquisa como uma arqueologia da paisagem, da imagem e do presente, sob um ponto de vista que procura ser crítico e engajado com as comunidades sendo também, por este motivo, uma arqueologia social.

2. METODOLOGIA

Estamos realizando a pesquisa através da revisão bibliográfica sobre a história de pelotas no século XIX e analisando a paisagem atual que compõe o

cenário pelotense, isto é, os casarões, monumentos, museus, logradouros e espaços públicos de importância histórica e cultural. A análise da paisagem é realizada de duas formas: por um lado, investigando a origem e o significado da cultura material preservada que é identificada como herança elitista de Pelotas oitocentista, bem como traduzir a representação ideológica que estes monumentos procuram retratar na tentativa de formação de consensos históricos e discursivos no processo de formação da hegemonia (GRAMSCI, 1999); por outro, através das comunidades não contempladas por estas políticas patrimoniais, buscando identificar a continuidade de tradições populares deste período até os dias de hoje e as manifestações desta na cultura material.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelotas é conhecida pelo epíteto de “Princesa do Sul”, devido, supostamente, a sua refinada cultura em comparação ao resto do estado. Esta pretensa superioridade da cidade envolve a valorização da burguesia que nasce da exploração do charque. Ao todo 10 Charqueadores em Pelotas obtiveram o título de barão, sendo que dois deles chegaram a ser promovidos a viscondes (LONER, et all. p. 30, 2017). Ainda outros teriam recebido título de nobreza, porém, ligados indiretamente as charqueadas ou raramente sem nenhuma ligação com esta produção (LONER, et all. p.31, 2017). A acumulação primitiva de capital advinda da exploração de mão de obra escrava nas colônias, conforme demonstrado por Karl Marx (1985), bem como da mulher, conforme é discutido por Silvia Federici (2016), permitiu o enriquecimento da burguesia. Este enriquecimento no caso da burguesia local, foi a tal ponto que, durante algum tempo, o Banco de Pelotas foi o terceiro maior do país, status que durou até a sua falência, onde um dos motivos apontados para tal é a quebra da bolsa de Nova York em 1929 (LONER, et all. p. 28, 2017).

Outras características deste enriquecimento através da exploração podem ser observadas na cultura material. Em Pelotas, as decorações dos casarões que compõem o centro histórico da cidade, a maioria construídos no século XIX e início do século XX, possuem elementos de origem europeia, como os vasos e esculturas em faiança, que eram utilizadas como um símbolo de status e ostentação econômica (SCOLARI, 2011). Foi o enriquecimento da burguesia local que permitiu à esta importar mão de obra europeia de arquitetos e artistas europeus, com o objetivo de “embelezar” a paisagem da cidade, o que é mantido até os dias de hoje, sendo o principal foco das políticas de conservação e restauro na cidade.

É evidente que a educação e a arte em Pelotas, recebendo o incentivo da burguesia local, era manipulada ao seu prazer, e isto refletia, o domínio da elite. Antônio Caringi, é um exemplo de escultor pelotense que recebeu o apoio e o patrocínio da burguesia local. Caringe chegou a estudar com Arno Brecker, escultor favorito de Hitler, e se especializou em plástica monumental (FARO, GONÇALVES, p.18). Suas obras refletem o triunfo da elite e da colonização, um passado que apaga o período da escravidão de negros, a dizimação indígena e retratam a mulher de acordo com a ideologia vitoriana, ainda que as obras deste escultor sejam posteriores a este período histórico.

Enquanto estes patrimônios da elite estão muito bem documentados e conservados, questionamos o que acontece com o patrimônio popular e porque este é esquecido. Lorena Almeida Gil (2005) relata que nas primeiras décadas do século XX, Pelotas possuía 124 cortiços registrados pela contabilidade oficial e um número ainda maior de cortiços não contabilizados. É digno de se perguntar

onde estariam esses cortiços ou seus vestígios, ou se algum deles, devido a sua inegável importância histórica, foi patrimonializado?

No entanto, o conjunto histórico de Pelotas, tombado em 16 de maio de 2018, é o sexto patrimônio material de Pelotas tombado pelo IPHAN, ao lado de: o Teatro Sete de Abril, três palacetes que pertenceram à elite dos charqueadores e a caixa d'água localizada na Praça Piratinino de Almeida, por sua vez, importada da Escócia em 1875 (MinC, 2018). O foco das políticas de patrimonialização tem sido em sua maior parte demonstrar a suposta grandeza de um passado relacionado à aristocracia e à exploração de mão de obra escravizada para a produção do charque, como o IPHAN em seu site noticiou em 10 de Maio de 2018 acerca da patrimonialização do conjunto histórico de Pelotas: “Todos esses bens do Conjunto Histórico apresentam uma semelhança importante: compartilham uma história comum, em maior ou menor grau, relacionada com o ciclo do charque.” (IPHAN, 2018).

4. CONCLUSÕES

Esta relação de patrimonialização de um determinado bem e esquecimento e apagamento de outros está diretamente relacionada com a memória da sociedade. A memória, por sua vez, evocada por objetos e construções traz na mente dos vivos: “[...] o que é preciso que se mantenha, e que assume o papel de ser coletiva, una. Memória essa que ao envelopar as memórias individuais, lhe conferindo o caráter nacional, nação, englobante, homogeneizadora.” (FERREIRA. p. 47, 1994).

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (1994) usa o termo “sacralização do espaço” e “sacralização do tempo” para descrever ambientes de museus, onde o povo é convidado a participar de maneira recatada e com um respeito religioso pelas obras, objetos ou edificações de um passado glorioso. Questionando que passado seria este, a pesquisadora nos responde: “Em geral, os museus tradicionais refletem, para puro delírio de seus observadores, uma única fala, ou seja, a História das Elites, um passado aristocrático.” (p.47, 1994). Des de o processo da formação dos museus antigos, entre Gregos e Romanos, até a formação do Museu Britânico, os museus têm seu acervo relacionado ao saque e a demonstração de dominação de uma suposta cultura superior frente ao exótico e selvagem, sendo, portanto, lógico entender as práticas de conservação, edificação e restauração de monumentos, ou os próprios museus, como discurso de dominação: “[...] no modelo clássico de Museus Históricos, os objetivos traduzem-se pela única memória apresentada: a das elites dominantes, a memória cristalizada em um ‘fato histórico’. (FERREIRA. p.49, 1994).

Se, como demonstramos, as práticas de conservação e tombamento relacionados ao patrimônio material têm esta característica de dominação ideológica, buscando a cristalização da ideologia dominante, não obstante isto, acreditamos que práticas que visem a subversão deste método são possíveis. Uma iniciativa deste tipo precisa buscar a inspiração nos museus comunitários já existentes, posto que necessita rever a própria metodologia de criação e manutenção de memória. Um museu orgânico, que significa vivo, dependeria da comunidade debater, opinar, escolher e criar o que será digno de memória para as gerações futuras, trabalhando no presente com o passado, da mesma forma que os museus tradicionais, mas com uma atitude inversa, permitindo também as futuras gerações se reinventar. Este tipo de iniciativa criaria uma democratização direta do espaço de memória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Acessado em 01 Set. 2018. Online. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/caliba-e-a-bruxa-versao-setembro-2016/>

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Museu e Memória Histórica. **História em Revista**. Pelotas, n.1, p.47-50, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 1**; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GILL, Lorena Almeida. Instrumento de Trabalho: Em Favor dos Operários – Casas Baratas. **História em Revista**. Pelotas, V.11, 2005.

IPHAN. **Conjunto Histórico de Pelotas é reconhecido como Patrimônio Cultural**. Publicada em 10 de maio de 2018. Acessado em 01 Set. 2018. Online. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4641>

HOBBSAWM, Eric J.. **A Era dos Impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório; [Organizadores]. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas, UFPEL, 3ªed, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política** / Karl Marx; apresentação de Jacob Goerender; Coordenação e revisão Paul Singer; Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2 ed. São Paulo, Nova Cultura, 1985.

MinC. **Pelotas (RS) dá ao Brasil mais dois patrimônios culturais**. Publicado em 16 de Maio de 2018. Acessado em 01 Set. 2018. Online. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1492521

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: A Sua Essência e a Sua Origem**. Tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. I. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2014.

SCOLARI, Keli Cristina. Esculturas em Faiança Portuguesa no Casarão do Barão de São Luís, prédio do Centro Histórico de Pelotas, RS. in: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 5., Pelotas, 2011. **Memória & Esquecimento**. Pelotas, UFPEL, 2011. p.693.